



## APRESENTAÇÃO

As Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro ocorrem desde 2013. Sem dúvida podemos dizer que elas são um marco na formação de centenas de estudantes e de dezenas de professores. Em pouco mais de dez anos essa experiência filosófica permitiu a convergência entre professores(as) e entre estudantes, criando condições para uma rede de professoras(es) e pesquisadoras(es) de filosofia que têm atenção ao ensino da filosofia, sobretudo para o Ensino Básico.

As Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro não só são reconhecidas pelos diversos atores da área como um espaço alternativo à lógica bancária de ensino no qual se aprofundam as práticas e saberes consideradas importantes para a filosofia, como também estabelece uma posição crítica com relação ao formato competitivo de Olimpíadas como usualmente promovido em outras áreas e aos aspectos modelos de escola, o sentido dado por eles à educação, e o modo de avaliar os estudantes. E como tais Olimpíadas permitem repensar a escola, a educação e o sentido de Olimpíada através de experiências filosóficas?

As Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro não são Olimpíadas competitivas, e sim colaborativas. Não se trata de colocar uns contra os outros para que apenas um ou poucos vençam. Uns com outros, não contra outros. Uns com os outros de modo que a experiência que é partilhada por todos permita a cada um expressar-se da forma mais verdadeira e repensar-se como ser humano. Uma legítima experiência formativa de todos por todos e tudo (outros seres e lugares). Neste caso, quando um ganha, todos ganham, e quando todos ganham, um ganha.

Fica claro para todos os participantes o processo de ressignificação da expressão “Olimpíadas” a partir da distância do conjunto de sentidos esperados para um evento com esse nome e as atividades e práticas que lá transcorrem. Essa ressignificação é uma realocação, no sentido de claramente retirar a competição do centro do espaço formativo junto com os itens de que ela depende e o que ela traz consigo. A competição depende de uma lógica escolar que instrumentaliza o conhecimento e mensura quantitativamente os estudantes em função da reprodução do conhecimento instrumentalizado, trazendo consigo a ignorância da formação, o desgosto do saber, o individualismo e a meritocracia.

A colaboração instaura outra lógica. Se todos podem e devem colaborar entre si, não cabe nesse cenário o papel do professor(as) como autoridade que ostenta o saber cujas exigências devem ser atendidas, aquele a quem se deve obediência, a quem se deve conquistar, pois é quem decide que indivíduo é o melhor. Um professor que colabora com a formação de todos está no mesmo lugar de um não-professor que colabora com a formação de todos, uma vez que todos possuímos saberes e experiências que podem nos levar a compreender melhor a nós mesmos e ao mundo que nos circunda.

Não fica difícil ver a importância desse projeto para desenvolvermos espaços escolares alternativos às atuais lógicas escolares de modo a nos permitirmos vidas e cidadanias mais democráticas e reflexivas. Convidamos a todos e todas que queiram saber mais sobre as Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro, seu surgimento e que atividades e práticas são realizadas em seus encontros, a lerem os artigos dispostos nessa edição dedicada às Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro e à Lara Sayão, por sua dedicação a esse projeto.

O texto de abertura da edição não poderia deixar de ser a entrevista do Maurício Langon realizada por Lara Sayão e André Pares sobre os princípios teóricos que inspiram as olimpíadas de Filosofia no Uruguai e no Brasil. Maurício Langon é Uruguaio, professor de Formação Docente em múltiplas instituições e filósofo que se dedica ao Pensamento Latino-Americano e à relação entre Filosofia e Educação. O seu pensamento é considerado como principal fonte de inspiração das olimpíadas não competitivas brasileiras, entre elas, a do Rio de Janeiro. Embora a primeira parte dessa entrevista já tenha sido publicada no site da ANPOF, julgamos adequado apresentar aqui a entrevista na íntegra, e não apenas a segunda parte, de modo que o(a) leitor(a) possa apreciar toda a conversa e seu desenvolvimento de ideias.

Seguimos com o texto de autoria de Leonardo Couto Diniz que vai nos contar da sua experiência à frente da organização de um dos encontros das Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro, aquela realizada em Paquetá no ano de 2019. Este texto apesar de relatar eventos bastante peculiares, pode ser de grande ajuda para quem quer implementar olimpíadas similares em seus Estados ou Cidades. Ainda que o autor trate da organização do evento apontando dificuldade e soluções, o objetivo principal dele é mostrar como essa experiência é frontalmente contrária à educação neoliberal ensejada pelo Novo Ensino Médio, apresentando um caminho alternativo a este.

Posteriormente Paulo Malafaia apresenta seu relato da primeira Olimpíada de Filosofia Intercampi do Colégio Pedro II inspirada nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. Nesta ocasião o autor organizou, juntamente com outros professores de filosofia da mesma instituição, a oficina denominada “Altinha Filosófica”, que corresponde a um jogo de futebol com perguntas elaborado pelo grupo de pesquisa Futebol e Metafísica, cujo objetivo é pensar esse jogo popular em seus desdobramentos éticos, existenciais e políticos.

A quarta contribuição é intitulada “Los parajes del pensar: Origen y desarrollo de las Olimpiadas de Filosofía en la ciudad de Arequipa”, nela Ronald Apaza e Wilbert Tapia-Meza, filósofos peruanos, nos contam sobre as Olimpíadas que ocorreram entre 2017 e 2020 na cidade de Arequipa, evidenciando o quanto ela foi importante para o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes de nível médio.

O quinto texto é uma contribuição de Raquel Zanini, onde ela narra a experiência das Olimpíadas organizadas pelo NESEF e as analisa procurando mostrar como elas se articulam com a manutenção do ensino de filosofia no Ensino Médio do Estado do Paraná, e se configuram como um espaço de resistência para professores, licenciandos e estudantes que desejam vivenciar uma formação filosófica baseada na liberdade e na colaboração.

O relato de experiência de André Vinícius Dias Senra, Daniel Vieira Inácio, Mateus Geraldo Xavier trata do Laboratório Filosófico criado na Escola SESC do Rio de Janeiro, que começou tendo como um dos objetivos a preparação dos docentes de filosofia e discentes para a participação nas Olimpíadas e acabou se tornando um espaço de formação de toda a comunidade escolar. Essa experiência mostra que, quando as escolas incorporam a dinâmica das Olimpíadas de Filosofia do Rio de Janeiro, elas acabam repensando seus fundamentos e permitindo uma educação mais efetiva, mais “saborosa” e mais filosófica.

Para fechar a edição temos o texto que Felipe Gonçalves Pinto e Carolina Edvik Nunes do Nascimento escreveram juntos, o primeiro da perspectiva do professor, a segunda, da perspectiva da estudante. O interessante deste relato de experiência é que ele tenta somar a experiência do docente com a experiência do discente permitindo ver o evento de modo mais complexo. Os autores além de relatar se dispõem a analisar os eventos, à luz da experiência vivenciada e da formação apreendida.

Desde já convidamos a todos e a todas para desfrutarem da leitura dessa edição e a dividirem conosco suas impressões concernentes às publicações contidas nela. Uma boa leitura!